

## APRESENTAÇÃO

O presente número da revista *Debates do NER* revisita o clássico tema do sincretismo. Nesse sentido ele perfaz uma unidade com o próximo número, que tratará do tema do hibridismo religioso, conceito que pretende corrigir limitações analíticas e correlações ideológicas supostamente conservadoras da categoria sincretismo. Em sua etimologia como em seu uso nas ciências humanas desde a primeira metade do século XX, *sincretismo* tem apontado para fusões e misturas de matrizes culturais distintas ou incompatíveis em religiões de povos subalternos, tal como percebidas por hierarquias eclesiásticas, preocupadas com o zelo da pureza e o perigo de contaminação pagã em situações de missão. Informa-nos o antropólogo francês André Mary<sup>1</sup> que conceito de sincretismo em Antropologia tem uma origem difusionista, ligada à ideia de aculturação, em que a preocupação com a presença do molde original tornava o fenômeno religioso observado secundário ou menos autêntico do que suas origens. A situação muda com a introdução da problemática da reinterpretação, que reconhece a originalidade das mediações e agências dos mediadores nos processos que levam à formação, manutenção e reprodução das formações tidas como sincréticas. Produzida pelo contato cultural entre povos em situações assimétricas, a reinterpretação religiosa passa a ser o aspecto dominante na consideração do fenômeno sincrético, tornando-se símbolo de uma originalidade irreduzível e emergente mas também de soluções de compromisso na qual o apelo da resistência, mascarada de submissão fascinaram a gerações de pesquisadores do mundo indígena e da diáspora africana, como nos estudos de Roger Bastide sobre as religiões afro-brasileiras. Responsável por uma marcante inflexão nos estudos sobre sincretismo – sem ser este o objeto exclusivo ou central de sua reflexão – Bastide não apenas chamou a atenção para a composição e revitalização de traços africanos nas tradições nagô como também inovou ao destacar

---

<sup>1</sup> MARY, André. “Synchrétisme”. In: AZRIA, Régine; HERVIEU-LÉGER, Danielle. Dictionnaire des faits religieux. Paris: PUF, p.1197-1202, 2010.

os fluxos e saltos entre fronteiras religiosas feitas pelos fiéis, bem longe de identidades rígidas e limites normativos enfatizados por hierarquias eclesiais, o que hoje em dia poderia ser chamado de *agência* ou *atravessamentos*.

Atualmente discute-se se o sincretismo é mais um termo de um museu de ideias passadas, tão universal quanto banal em termos de relevância científica ou, ao contrário, se o conceito ainda desfruta de certa operacionalidade como objeto discursivo, dando relevo à plasticidade e criatividade simbólica nos processos de indigenização das grandes religiões. Nesse sentido, Pierre Sanchis propôs que, tal como o totemismo analisado por Lévi-Strauss, estamos diante da *ilusão sincrética*, que não designaria uma resultante ou um tipo de instituição mas um conjunto de processos simbólicos da ordem do intelecto, que são acionados sempre que duas tradições e grupos sociais distintos são colocados em contato.

Para seus críticos, sincretismo é um termo ideológico que serve à estigmatização de uma religiosidade subalterna, sem grande valor, senão como ênfase na resistência à dominação através da religião. Mesmo nessa chave interpretativa da resistência por debaixo da adoção da máscara do outro, restaria, como pontua André Mary, compreender como e porque as máscaras exercem agência transformadora sobre aqueles que as adotam, como no caso da relação entre culto dos santos cristãos e orixás africanos, remetendo-nos para um jogo mais complexo do que o representado pelas alternativas dicotômicas entre resistência e submissão.

Em outra direção, autores brasileiros como Ronaldo Almeida e Vagner Silva têm enfatizado que o sincretismo das religiões afro está se transferindo para o seu rival evangélico no campo religioso. A despeito de seu antissincretismo declarado, há importantes continuidades ontológicas e simbólicas entre esses sistemas, retomando um antigo tema da hermenêutica sobre o patamar comum dos conflitos, radicado na esfera da linguagem.

A denúncia, seja intelectual seja nativa, da mistura sincrética em prol de pureza e das diferenças no jogo das identidades – a chamada atitude antissincrética – permite-nos contextualizar os recentes movimentos de reafrikanização e reindigenização, como partes de um novo *espírito do tempo*, em que a globalização aciona um jogo de correspondências em

que as ideias de África e de América indígena são instrumentos e símbolos para a construção de identidades fortes e respeitadas na cena global, permitindo disputar recursos, construir interlocuções, encenar origens e partilhar memórias.

Nesse debate em permanente reconstrução, o presente número de *Debates do NER* é formado por artigos com objetivos diversos, históricos, etnográficos e reflexivos, todos gravitando à volta da imaginação e dos efeitos do trabalho sincrético sobre as diversas manifestações religiosas. O eminente sociólogo Reginaldo Prandi reflete como, sob o tradicional manto encompassador do catolicismo brasileiro, desenharam-se as multifacetadas relações entre politeísmo e sincretismo nas religiões afro-brasileiras, que encontram um limite e um desafio no atual adversário evangélico. O historiador Artur Isaia investiga o debate intelectual interno à Igreja católica, em meados do século XX, entre tolerantes e antissincréticos, instanciado na relação entre herança católica lusitana e matrizes indígenas e africanas. Celso de Brito desloca esse tema para o universo da capoeira, investigando alguns de seus mais significativos atravessamentos com a questão religiosa, atualmente perpassada pela problemática ideológica e etnicizada da relação entre pureza e mistura. Baseada em pesquisa etnográfica, Jessica Grganich analisa a relação entre Santo Daimé e Umbanda, descortinando os fluxos sincréticos entre xamanismo e possessão nestas que são consideradas duas autênticas religiões brasileiras. Comparando suas experiências de pesquisa no quimbanda gaúcha e no eckankar francês Adriane Rodolpho produz um texto etnográfico e reflexivo sobre a utilidade analítica do conceito de sincretismo, em diálogo com as ideias de Pierre Sanchis. Melvina Araújo reflete sobre as transformações

Entre misturas e diferenças, sincretismos e antissincretismos, a revista *Debates do NER* pretende dar uma modesta contribuição para um debate em permanente reconstrução, que terá sua continuidade em nosso próximo número, que versará sobre o hibridismo religioso.

*Bernardo Lewgoy*